

A escolha da estratégia deve levar em conta:

- objetivos do encontro;
- conhecimento da técnica;
- conhecimento de manejo de grupo;
- quando/momento;
- condições para efetivação da estratégia considerando-se:
 - ✓ tempo;
 - ✓ número de participantes;
 - ✓ local;
 - ✓ materiais.

Tendo-se abordado o “o quê”, “quem” e “como”, resta-nos apresentar aqui o “quando”. A educação sexual curricular deve se desenvolver ao longo da permanência da criança e do jovem na escola. Em geral há dúvidas se devemos abordar esse tema com crianças. Em um livro organizado pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual encontramos sugestões sobre quais mensagens ou temas nossas conversas com os alunos deveriam abordar, em que profundidade e em que idade. Seguem alguns exemplos retirados desse livro, para crianças de 5 a 8 anos. Sobre desenvolvimento humano: em relação ao corpo humano, explica que o aparelho reprodutor tem partes externas e internas e quais são (de forma mais simplificada) os nomes dos órgãos. Não são só os nomes científicos, pois cada família pode dar um nome. O tema reprodução: ensina que a reprodução pressupõe um homem e uma mulher. Homens e mulheres possuem órgãos reprodutores que lhes possibilitam ter filhos, nem todos os homens e mulheres decidem ter filhos e assim por diante. No tema puberdade: o corpo muda à medida que a criança cresce (as crianças se interessam em saber se o corpo delas será como o dos adultos), as pessoas têm filhos após a puberdade. No tópico corpo e auto-estima: cada pessoa tem um corpo e um jeito diferente; as pessoas expressam, por meio do corpo, maneiras diferentes de pensar, sentir, se relacionar; o bem-estar do corpo depende de cuidados, de carinho e de atenção. E assim por diante. Há outros tópicos, como: comunicação, saúde sexual, sociedade e cultura. Todos no enfoque da educação sexual. Para ampliar o conhecimento dos tópicos sugeridos pelo grupo, recomendamos a leitura completa do livro.

Ainda em relação à educação sexual para crianças, o professor e a direção devem aproveitar momentos extracurriculares para realizarem intervenções. Por exemplo, quando a criança apresenta alguma curiosidade. Nesse momento faz-se necessário um clima de confiança, no qual se empreguem termos mais próximos da criança para apenas em seguida usar o termo técnico. Não se deve esperar apenas a iniciativa da criança, mas também identificar atitudes

em que se considere adequado intervir, como, por exemplo, brincadeiras, situações de discriminação, atitudes relativas à sexualidade. A intervenção transforma-se, assim, em ação educativa.

Finalizando, a educação sexual no âmbito escolar, como apresentamos aqui, encontra-se dentro de determinada perspectiva de certo entendimento de educação e do papel da escola. Consideramos a educação como um bem da humanidade e que seu papel é o de humanização, ou seja, resgate da condição humana das pessoas, de seu poder criativo, de sua historicidade, na construção de uma sociedade justa e igualitária. A escola é uma instituição (talvez a única) pela qual passam quase todas as pessoas, seja pela obrigatoriedade legal, seja pela necessidade social (e econômica). Vários outros espaços e práticas educacionais têm exercido o papel de educar crianças e jovens em relação à sexualidade, mais amiúde do que a escola. Por exemplo, não há uma só edição (semanal ou quinzenal) de certas revistas voltadas a mulheres jovens que não tenha um (às vezes mais) artigos sobre sexualidade. Programas ou canais de TV direcionados a jovens também abordam esse tema com frequência. A frequência com que esses meios abordam a sexualidade, muitas vezes, é maior do que a frequência com que a escola a aborda. Sexualidade é um tema que gera tabus, medos, vários estigmas, e sua invisibilidade nos currículos (ou sua presença apenas no currículo oculto ou no ocultado) pode contribuir para a perpetuação desses aspectos da sexualidade a partir dos quais se torna fácil trilhar os caminhos do preconceito, da discriminação e da iniquidade. Abordar a sexualidade de modo tranquilo, participativo e humano, dentro do que é esperado do papel da escola, contribuirá para a construção dessa sociedade mais igualitária e justa, em que não haja espaço para a divisão da humanidade em seres mais humanos e seres menos humanos. Onde os valores humanos de paz, solidariedade, justiça, amor e outros permeiem as práticas escolares, seja da educação sexual, seja de outras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUAD, D. Gênero nos Parâmetros Curriculares. In: FARIA, N.; NOBRE, M.; AUAD, D.; CARVALHO, M. (Orgs.). *Gênero e educação*. São Paulo: SOF, 1999.
- DESSER, N. A. *Adolescência: sexualidade e culpa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993. 171p.
- FARIA, N.; NOBRE, M. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: SOF, 1997. 52 p.
- MONTRONE, A. V. G.; OLIVEIRA, M. W.; FERREIRA, E. C.; GONÇALVES, L. Educação sexual: gravidez, Aids e doenças sexualmente transmissíveis em debate. *Revista do Professor*, Porto Alegre, v. 15, n. 57, p. 19-21, jan./mar. 1999.